

## **ENTREVISTA**

---

*O Ofício do Historiador: uma entrevista com Ronaldo Vainfas*  
Renato Pinto Venancio (entrevistador)

*Inicialmente, gostaria de saber algumas informações a respeito do seu período de formação. Devido a qual motivo você resolveu estudar História?*

A decisão surgiu no curso clássico do São Vicente, no Rio de Janeiro, por volta de 73. Pesou muito a qualidade do ensino da história no colégio, a elevadíssima carga horária e a qualificação dos professores. Muito importante foi o Marçal Versiani dos Anjos, ex-padre e jornalista ativo, que ensinava história geral, sobretudo moderna e contemporânea. O Mocayr Góes, que ensinava história do Brasil. O Ivo Barbieri, que ensinava literatura com forte perspectiva histórica. O Clóvis Dottori, que fazia o mesmo com a geografia. Esses eram marxistas, mas havia o Ricardo Rossi, ex-oficial da Marinha, que tinha posições muito diferentes. Recusava qualquer determinismo e dava magníficas aulas factuais de Antiga e Medieval. De todo modo, o clássico do São Vicente era plural, até os professores de matérias exatas tinham posições humanistas, que tem a ver com a orientação política e filosófica do colégio então adotada. O coordenador geral do curso era o físico Jorge Luiz de Souza e Silva, dotado de uma cultura geral extraordinária e muito combativo politicamente. Eram os “anos de chumbo”, mas no São Vicente respirava-se o ar da liberdade que, por isso mesmo, alimentava a crítica ao regime militar. Esta era a marca do São Vicente nos anos 70, o que acabou marcando minha opção por seguir a carreira de historiador.

*No seu período de formação, quais foram os historiadores que mais te influenciaram?*

No tempo do clássico o que mais pesou foi literatura, universal e brasileira. Aliás tenho saudade daqueles em que lia muita literatura, muito mais que hoje, absorvido que sou pela vida acadêmica. Mas também li quase toda a História Geral das Civilizações na edição da DIFEL, organizada pelo Maurice Crouzet. Na história do Brasil, Celso Furtado, Caio Prado e Nelson Werneck Sodré. Curioso isso: na história geral li mais autores clássicos da escola francesa e na do Brasil, autores de orientação marxista ou à esquerda. Já como estudante universitário, na altura, de 1975, li quase tudo o que podia. Muito Marx, Engels, Gramsci, Lenin, considerados "legítimos", pela opinião militante que prevalecia. Mas não deixei de ler livros que então me encantaram, embora a "patrulha ideológica" os considerasse menores ou "reacionários": Lucien Febre, o do *Lutero* e o dos *Combates*; Johan Huizinga, Delumeau, só para citar alguns. No caso da história do Brasil, sempre tive enorme fascínio pelo *Casa Grande e Senzala*, do G. Freyre, embora o criticasse muito. A esquerda o considerava um livro abominável, imagine. Fiquei muito desencantado com o despreparo intelectual dos militantes de esquerda na Universidade daqueles anos, inclusive no campo do marxismo, sem falar dos preconceitos intelectuais. Isto me frustrou, porque a experiência de esquerda que conhecia do curso clássico era muito mais aberta, criativa e plural. Mas este é assunto muito vasto, haveria outras dimensões a considerar. Deixa para lá.

*Você começou estudando a escravidão, ou melhor, a "versão" cristã da escravidão, e depois se interessou pelos comportamentos de contestação sexual no Brasil colonial, como se vê no Trópico dos Pecados (89). Qual foi o motivo dessa mudança de tema?*

Essa é daquelas situações em que o tema é outro, mas talvez o assunto seja o mesmo. As idéias jesuítas acerca da escravidão, tema do primeiro trabalho (1983) possuía forte inspiração marxista, mas já foi considerado meio "heterodoxo" por tratar das ideologias,

discursos, etc. O próprio Ciro Cardoso, meu grande mestre no mestrado e orientador da tese (na época chamavam dissertação de tese), disse na Banca que preferia estudos marxistas de tipo sócio-econômico, o que não era o caso. Mas fez um excelente prefácio para o livro. Mas, como dizia, o estudo da "ideologia cristã" da escravidão me fez adentrar a dimensão moralizante da atuação missionária. Daí ao Concílio de Trento e à Inquisição foi um passo. Na verdade, o meu interesse no Doutorado era estudar a ação moralizante e repressiva da Inquisição e não os que contestavam a Igreja. Mas depois de ler a tese da Laura de Mello e Souza, ainda antes que ela a defendesse (86), e o Carlo Ginzburg, procurei adotar esta dupla perspectiva: a dos inquisidores e a de suas vítimas. Houve, pois certa continuidade, mas também algumas rupturas no doutorado da USP, no meado dos anos 80. Aliás, o grupo de estudos que tínhamos lá era o máximo: a Mary Del Priore, Renato Venâncio, a Lana Lage, a Ida Lepkowicz. Todos nós andamos em franco concubinato com a "história das mentalidades", para dizer o mínimo, se me permite esta imagem algo insólita. Mas líamos muito Flarin, Ariès, Delumeau, Bennassar, pra não falar de Michel Foucault. Tudo isto pesou no Trópico dos Pecados.

*estudo da "santidade", da "heresia dos índios", não seria um retorno às suas preocupações iniciais de pesquisador?*

Do ponto de vista do núcleo temático, foi sim. Porque no trabalho sobre o ponto de vista do núcleo temático, foi sim. Porque no trabalho sobre as idéias jesuíticas, o pano de fundo era o conflito entre senhores e escravos na Colônia: conflito abstrato e potencial, mas também concreto, a exemplo de Palmares. No *Trópico dos Pecados*, a oposição de classe não está ausente, mas convive com outras, sexuais, afetivas, morais, vicinais, institucionais, religiosas etc., e todas se diluem numa longuíssima duração. A *heresia dos índios* põe de novo em foco a luta de classes e o tema da rebelião. Mas trata disso em perspectiva cultural ou etno-histórica. Foi um retorno mais amadurecido ao tema da rebelião, das crises, mas a longa duração talvez esteja mais presente na Santidade que nos

outros livros. Nele incursiono até nos mitos, ancorado em Mircea Eliade e no História Noturna de Ginzburg.

*Como você avalia as transformações da historiografia brasileira da década de 1970 em diante?*

Só dá pra resumir em linhas muito gerais. Pois bem, antes de tudo, a profissionalização da pesquisa através dos cursos de Pós-Graduação com apoio das agências de fomento. Daí a sofisticação dos métodos, o cuidado maior na seleção e uso dos corpi documentais, etc. Ganhou-se em qualidade historiográfica, perdeu-se um pouco na abrangência dos grandes ensaios de outrora. De todo modo, a atual restrição no apoio oficial aos Programas de Pós ameaça muito os avanços realizados nas últimas duas décadas.. Vejo também diferenças entre o período 70-85, mais ou menos, e a fase seguinte. Na primeira fase, prevalecia, nas teses, uma forte preocupação com o sócio-econômico, de maneira geral, e com o a história social ou política contemporânea, em particular. Surgiram aí grandes teses sobre o movimento operário, a Primeira República, a Revolução de 30, sobretudo na USP e na Unicamp. Do meado dos 80 pra cá, vejo uma forte revalorização do período colonial, e nele, dos enfoques culturais ou do tipo mentalidades. Isto tem a ver com as mudanças da historiografia no plano mundial e também com as mudanças ocorridas no País, tipo redemocratização, libertação da Universidade das "patrulhas ideológicas", etc. No entanto, vale dizer que, nos anos 80, os estudos sobre República atingiram cerca de 40% das teses, segundo o levantamento do Fico & Polito. O período colonial adquiriu, porém, mais visibilidade. E vale um comentário à parte sobre os estudos acerca da escravidão, sobretudo a do século XIX: hoje são muito menos generalizantes e mais densos como pesquisa, além de atualizados com a bibliografia norte-americana e preocupados com a história da África.

*O marxismo ainda é um instrumento teórico válido para a análise do Brasil colonial?*

Claro que sim e não só para o período colonial, desde que livre de esquematismos economicistas ou "filosofantes". O que considero danoso é a adoção do marxismo como álibi para encobrir a falta de erudição, a preguiça de pesquisar documentos e o proselitismo pseudo-revolucionário. Mas isso não tem nada a ver com o marxismo, que fornece instrumental valioso para se entender o conflito social na história. Conflito que obviamente não se reduz à "luta de classes". Basta ver o que ocorreu e ocorre hoje no leste europeu depois da queda dos regimes comunistas: só se pode entender isso historicamente numa perspectiva que valorize o cultural, a etno-história, a antropologia religiosa, etc.

*Atualmente, quais seriam as principais lacunas, os principais campos ainda não explorados, em termos de pesquisa a respeito do Brasil Colonia ?*

Há inúmeros campos a serem explorados, assim como acervos documentais riquíssimos, tanto no Brasil como no exterior. Em termos de fontes, limito-me a lembrar o acervo inquisitorial depositado na Torre do Tombo, em Lisboa. Ele já deu base a vários livros importantes, mas ainda há um mar de fontes a serem pesquisadas para temas totalmente inexplorados. Em termos de temáticas, limito-me a dizer que, não obstante os avanços, os historiadores da escravidão devem se lançar ao estudo da África. Impossível avançar mais sem dar este passo. O que, como disse, já começou, vide João Reis, Robert Slenes, Manolo Florentino e outros.

*Quais são seus atuais projetos de pesquisas?*

A propósito das africanidades, estou trabalhando num movimento religioso ocorrido no Congo, em fins do século XVII, conhecido como antonianismo. Liderado por uma aristocrata congoleza de 23 anos, Kimpa Vita, que dizia ser Santo Antônio ressuscitado, que Mabanza Congo era a verdadeira Belém, que Cristo nascera de uma Virgem Negra, etc. Morreu queimada por ordem do

---

rei do Congo, D. Pedro IV. Caso belíssimo de africanização do catolicismo contra o modelo de Estado congolês, aportuguesado e não menos católico. Fiz alguns artigos, farei mais um e só. Não tenho fôlego para mais e o movimento foi bem estudado pelo norte-americano John Thornton e pelo português António Custódio Gonçalves, embora com perspectivas bem diferentes da minha. Trabalho também em temas ligados ao *V Centenário dos Descobrimentos*. Dentre eles, há o projeto de um Dicionário Crítico, com vários autores, pelo qual a Nova Fronteira já demonstrou interesse em publicar. Vamos ver se sai, seria utilíssimo, porque nossa bibliografia é muito carente de boas obras de referência.